



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

CAMPUS MACEIÓ
FALE - FACULDADE DE LETRAS

MARCILENE BEZERRA LEITE

MANOEL DE BARROS: UM APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

MACEIÓ

2020

MARCILENE BEZERRA LEITE

MANOEL DE BARROS: UM APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Coordenação do curso de
graduação em Letras Português, da
Universidade Federal de Alagoas,

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sarmiento.

MACEIÓ

2020



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: MARCILENE BEZERRA LEITE

MATRÍCULA: 14111769

TÍTULO DO TCC: MANOEL DE BARROS: Um Apanhador de desperdícios

Ao(s) vinte e sete dia(s) do mês de maio do ano de dois mil e vinte, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Dr. ROBERTO SARMENTO LIMA

1º Prof./a Examin./a: Dra. SUSANA SOUTO SILVA

2º Prof./a Examin./a: Esp. FRANCISCO JADIR LIMA PEREIRA

que julgou o trabalho (x) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 8 (OITO)

1º Prof./a Examin./a: 8 (OITO)

2º Prof./a Examin./a: 9 (NOVE)

totalizando, assim a média 8,33 (OITO E TRINTA E TRÊS),

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 27 de maio de 2020.

Prof./a Orientador/a:

1º Prof./a Examin./a:

2º Prof./a Examin./a:

VISTO DA COORDENAÇÃO

Universidade Federal de Alagoas - Ufal

Coordenação da Faculdade de Letras – Fale Site: www.fale.ufal.br E-mail: coordlet@ufal.br Fone (82) 3214-1333

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus, por ser meu criador e meu mantenedor, por me encorajar durante toda a graduação, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas do início até o presente trabalho.

À minha mãe, que mesmo em meio a dificuldades, teve a sabedoria, o cuidado e o amor ao me conduzir à escola para que, por meio da educação, eu tivesse um futuro melhor.

À Giovanna Maria, minha amiga, minha companheira, minha filha – laço fraterno e inseparável.

A todos os meus professores da graduação, que foram de fundamental importância na construção da minha vida acadêmica e profissional.

Ao meu professor orientador Dr. Roberto Sarmiento, por quem tenho muito respeito e admiração. Suas contribuições, suas aulas apaixonantes, suas conversas foram indispensáveis para a realização deste trabalho. Enfim, devo a ele, também, a paixão pela Literatura.

Ao meu amigo Jorge Luiz, que antes mesmo de eu iniciar o curso, fora uma inspiração para entrar no mundo acadêmico e aceitar o ofício.

À coordenação do meu curso, por ter ajudado sempre que precisei, permitindo, assim, o meu desenvolvimento acadêmico.

A todos que, de alguma maneira, contribuiu com o meu desenvolvimento. Por fim, à Literatura, por ser tão maravilhosa, e por despertar em mim o desejo de continuar o meu curso.

Quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas –
é de poesia que estão falando.

Manoel de Barros

Resumo

Manoel de Barros, o poeta da palavra e das coisas “desimportantes”, desenvolve sua poética usando, como pano de fundo, a natureza, o lugar da sua infância e as suas experiências infantis para tratar o modo de fazer poesias. Contudo, esses elementos, naturais e comuns, não são seu foco de sua mensagem; mas apenas “pretextos” para uma abordagem mais profunda da discussão temática e a indicação dos caminhos escolhidos pelo autor para revelar um pouco de suas escolhas estéticas, o processo que percorre para trabalhar a linguagem e em específico, o seu gosto pelas palavras, o fazer poético.

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar como a incorporação dos objetos naturais e concretos e o desfazimento do tempo, na voz lírica do poeta, contribuem para uma possível definição do que seja poesia sob a perspectiva teórica realizada a partir dos traços artísticos do escritor. Diante disso, o trabalho será dividido em três partes: na primeira, será analisado como se dá o processo da utilização dos objetos naturais e concretos na voz lírica. Na segunda, analisaremos o que vem a ser o desfazimento do tempo em suas poesias. E na terceira parte, apresentaremos um possível conceito de poesia, levando em conta as obras analisadas e algumas falas sobre o tema.

Palavras chave: Nascimento/renascimento. Desfazimento. Fazer poético. Poesia.

Resumen

Manoel de Barros, el poeta de palabras y cosas "sin importancia", desarrolla su poética utilizando, como telón de fondo, la naturaleza, el lugar de su infancia y sus experiencias infantiles para tratar la forma de hacer poesía. Sin embargo, estos elementos, naturales y comunes, no son el foco de su mensaje; pero solo "pretextos" para un acercamiento más profundo a la discusión temática y la indicación de los caminos elegidos por el autor para revelar un poco de sus elecciones estéticas, el proceso que atraviesa para trabajar en el lenguaje y, en particular, su gusto por las palabras, haciendo poética

Así, este trabajo tiene como objetivo analizar cómo la incorporación de objetos naturales y concretos y la ruina del tiempo, en la voz lírica del poeta, contribuyen a una posible definición de lo que es la poesía desde la perspectiva teórica realizada desde las huellas artísticas del escritor. Por lo tanto, el trabajo se dividirá en tres partes: en la primera, se analizará cómo se lleva a cabo el proceso de uso de objetos naturales y concretos en la voz lírica. En el segundo, analizaremos cuál es la ruina del tiempo en su poesía. Y en la tercera parte, presentaremos un posible concepto de poesía, teniendo en cuenta los trabajos analizados y algunos discursos sobre el tema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MANOEL DE BARROS: O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS	11
Memórias	15
Desfazimento do tempo	20
A POÉTICA DE BARROS	26
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de vários questionamentos e indagações resultantes da leitura de alguns poemas de Manoel de Barros. Nele, buscamos analisar como as marcas linguísticas como neologismo de Barros podem provocar uma espécie espanto, quando o olhar do leitor é direcionado e aguçado mais para a costura, a trama linguística do poeta.

É no uso desses artifícios que Manoel de Barros¹, em sua poesia, dá voz a um indivíduo que experimenta o apego ao resto, aos desperdícios, às “inutilidades”. Assim, “reduz” a linguagem poética que, paradoxalmente, deverá abrir-se para o segredo de um universo em metamorfose, possibilitando um novo nascimento da palavra. Isso acontece no momento em que o poeta correlaciona suas experiências da infância com o que ele chama de “inauguramento frásico” que é o processo de expandir o significado, a definição da palavra. E essa correlação com lembranças da infância se efetiva pelo fato de que, para o poeta, as palavras devem continuar com seus “deslimites”, não terem funções fixas, sentidos enrijecidos. Para ele, a palavra deve permanecer com sua função primeira, que é nomear, dar existência aos seres e as coisas.

Nesse contexto, o poeta diz que é na infância que a criança se utiliza das palavras para somente nomear as coisas e os seres e, conseqüentemente, atribuir-lhes algum sentido. É nessa fase que elas estão desprendidas de correntes que as impossibilitam “existencializar”, nomear os frutos de sua imaginação. A criança carrega em si a “natência”, a capacidade de fazer nascimentos, a criança *ouve a cor* dos passarinhos, e ouvindo a cor ela “(trans)vê” as palavras e as transmuta para sua realidade, e assim, causa o seu “deslimite”. Deslimitar a palavra é dar a ela a possibilidade de novos sentidos, é fazer nascimento.

¹ Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu no Beco da Marinha, Cuiabá, Mato Grosso, em 1916. Publicou seu primeiro livro, *Poemas concebidos sem pecado*, em 1937, mas o reconhecimento do público só aconteceria nos anos 80.

É nesse universo sinestésico, em que as palavras formam substâncias palpáveis, audíveis e “palatáveis”, que Manoel de Barros revela-se um “deslimitador”. Para o poeta, o ato de ler extrapola o limitado campo da visão e da simples decodificação de palavras. É preciso ir mais longe. É preciso perceber, sentir, experimentar a palavra. Assim, para entrar no universo poético do autor, povoado de coisas “desimportantes”, de seres “desimportantes”, e “(trans)vê-los”, é necessário enxergar não apenas com os olhos. É preciso aceitar o que nos diz Roseana Murray, em Receita de acordar palavras. Diz a autora: Palavras são como estrelas/ facas ou flores/ elas têm raízes pétalas espinhos/ são lisas ásperas leves ou densas/ para acordá-las basta um sopro/ em sua alma/ e como pássaros/ vão encontrar seu caminho.

Nessa moldura, e aceitando o raciocínio de que Barros (re)faz o mundo unindo o real com o imaginário, transmutando esses mundos em sua poesia., é prudente, todavia, notar que essa transmutação não se faz desse modo a que seja evidenciada não apenas as imagens utilizadas, mas também os efeitos de sentidos provocados pela tessitura do poema. . .

E esse tecido vai se compondo da trama entre o real e o imaginário e nesse ínterim, o tempo é desfeito: "Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando". Nesse excerto, vemos que o desfazimento do tempo é para perpetuar o nascimento, o vir a existir. O quando possibilita outros sentidos, outras finalidades. É uma espécie de “presentificação” do tempo, o ato de existir está inevitavelmente associado ao fazer poético: "Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam".

Nessa perspectiva, vemos dizer que ao mesmo tempo em o poeta pode ser um construtor de um tempo poético, presentificando momentos; pode também, tornar-se um desfazedor desse tempo, por isso não se detém a ele, não está preocupado com o momento que o objeto veio existiu, mas com sua existência, porque seu objetivo é apenas enxergar e significar o mundo.

Nesse viés, é possível perceber a intenção de Manoel de Barros romper com as regras linguísticas e possibilitar ao leitor uma visão ampla, de sentidos vários, de fluidas finalidades para o uso das palavras. “É preciso “transver” o

mundo". Olhar o mundo com olhos de infantis que, desprendido de sistemas racionalizados, se detém em descobrir e redescobrir-o que já existe e está pronto para nascer. Esse mundo encantado da imaginação é o ponto de partida do escritor. É dessa forma que a poesia acontece. Ela está em tudo, nos desperdícios, só precisa que se olhe de forma enviesada, transversa, como quem permanece sempre na infância, fase de um mundo imaginário, porém vivido porque é criado, e porque não há limite para o uso das palavras. É nesse sentido que Manoel da Costa define o que é poesia, e nos diz:

Por isso, ao mesmo tempo em que tematiza esse mundo liquefeito, Manoel de Barros vai desconstruindo a ordem natural por meio de neologismos e oxímoros que falam de coisas que "desacontecem", das "inutilezas" de um mundo "apodrecente". "Há um cio vegetal na voz do artista" que busca desautomatizar a linguagem, despi-la de sentidos coagulados para provocar um "inauguramento de falas". Para atingir esse dialeto inaugural, é preciso cultivar as "ignoranças", desviar-se dos padrões linguísticos ou comportamentais [...] (PINTO, Manuel da Costa, 2004 , p.18).

E nesse sentido se faz necessário concordar com Pinto e dizer que a poética de Barros é um espaço de nascimentos, de reaproveitamentos, de liberdade para a palavra.

MANOEL DE BARROS: O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

O maior interesse ao ler e pesquisar as obras de um poeta como Manoel de Barros é compreender o modo como este faz a tessitura de suas poesias. Como incorpora os restos, os desperdícios, as coisas desimportantes, os seres desimportantes transvendo-os e transmutando-os para tratar a sua Poética.

A poética barreana é cheia de elementos simples, contudo de grande valor, e para não dizer, indispensáveis em seu modo de transvê as palavras e o mundo, pois o que era considerado desperdícios, em sua poética, passa a ser elemento primário, no sentido de que produz o nascimento. -

Vejamos o que nos diz:

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.
(**BARROS**,Manoel, p.,25)

Nesse poema, o poeta aproveita os “restos”, o que sob a óptica poética do autor a sociedade despreza, considera “lixo”, já que a proposta de Barros é transformar o mundo, reinventar as coisas, fazer novos nascimentos, revisitando o ponto que antecede o surgimento do conceito e do sentido, como se fosse uma criança na fase da aquisição da fala. Para Barros, é na infância que se estabelece a nomeação das coisas. E isso se dá pela visão do momento, não é preciso ter a racionalidade do porque do nomear, do “existencializar”.

Nesse sentido, ao ser feita a observação do poema O apanhador de desperdícios, vê-se um posicionamento crítico às palavras rebuscadas, cheias de conceitos, e uma aproximação com a natureza, isso é corroborado pela presença de elementos naturais sapo, pedra, estes, quase sempre, desprezados pela sociedade.

No poema há, ainda, a fala de um poeta expectador, pois apesar de gostar do simples e se utilizar dele, não desviou o olhar do seu tempo, ao contrário, o observa atentamente a ponto de, em alguns momentos, se posicionar de forma contundente.

Sua posição é de alguém que vê, a cada dia, as coisas essenciais perderem valor e por isso ele diz que prefere os seres desimportantes como a velocidade das tartarugas. Assim, para enfatizar seu desconforto, o poeta diz que prefere a “velocidade” das tartarugas à destrutiva velocidade dos mísseis. É notável aqui a crítica em relação ao tempo, uma vez que a velocidade não nos permite observar as “simplicidades”, as coisas “insignificantes” e os seres

“insignificantes” que para o poeta são fontes de “nascimentos”, possibilidades ao nosso redor de dar novos sentidos às palavras.

A sociedade, em geral, adere o mundo tecnológico, enquanto o poeta diz que não se sente situado nesse mundo, nasceu atrasado, e por isso só conhece o gosto pelo que é natural o que fez parte de suas memórias, o que já está nele. E nesse sentido, através de sua imaginação, faz do seu quintal o seu mundo, trasmutando-o em matéria linguística a ponto de o leitor se confundir com uma autobiografia. Contudo, nada mais é que uma autopoiesia, feita através da ligação entre realidade e fantasia, porque para o poeta a melhor maneira de renovar o mundo e sua arte é através das palavras, dando a elas o direito de serem vistas e valorizadas como elas são e estão, e assim, parafraseando o como o poeta, nascer de novo, pois a invenção é a arte de fazer nascimentos.

Chegar ao criancimento, por exemplo, soa como chegar a uma dimensão não de algo intocado, adormecido, mas que, ao contrário está em movimento, em transformação, pois a criança para estar nomeando as coisas por conta própria, às vezes chega mesmo a criar uma língua paralela à sua. **(PINHEIRO** , Andrei Ferreira de Carvalhaes, Conhecimento Prático, Literatura, 2017, P. 9)

É nesse sentido de brincar com as palavras que Barros cria uma poética livre e que desfaz a linearidade da linguagem. E ao desfazer a linearidade, possibilita o seu leitor ver a poesia como “língua de ave”, como quem vê dos olhos do próprio poeta, pois se utiliza de suas memórias infantis, como já ditos, para trazer realidade ao corpo da poesia. Contudo, uma realidade totalmente criada pelo imaginário do poeta para a poesia e, usa expressões leves, afastadas de regras, racionalidade, pois sua intenção é explicar seu fazimento poético sem pensar em problemáticas da vida. Vejamos como expressa essa afirmação em seu poema Poeminha em língua de brincar:

Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.

Falava em língua de ave e de criança.

Sentia mais prazer de brincar com as palavras do que de pensar com elas.

Dispensava pensar.
Quando ia em progresso para árvore queria florear.
Gostava mais de fazer floreios com as palavras do que de fazer ideias com elas.
Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria de rir.
Contou para a turma da roda que certa rã saltara sobre uma frase dele
E que a frase nem arriou.
Decerto não arriou porque tinha nenhuma palavra podre nela.
Nisso que o menino contava a estória da rã na frase
Entrou uma Dona de nome Lógica da Razão.
A Dona usava bengala e salto alto.
De ouvir o conto da rã na frase a Dona falou:
Isso é Língua de brincar e é idiotice de criança
Pois frases são letras sonhadas, não têm peso, nem consistência de corda para aguentar uma rã em cima dela.
Isso é língua de rai – continuou
É língua de Faz-de-conta
É língua de brincar!
Mas o garoto que tinha no rosto um sonho de ave extraviada
Também tinha por sestros jogar pedrinhas no bom senso.
E jogava pedrinhas:
Disse que ainda hoje vira a nossa Tarde sentada sobre uma lata ao modo que um bentevi sentado na telha.
Logo entrou a Dona Lógica da Razão e bosteou:
Mas lata não aguenta uma Tarde em cima dela, e ademais a lata não tem espaço para caber uma Tarde nela!
Isso é língua de brincar
É coisa-nada.
O menino sentenciou:
Se o Nada desaparecer a poesia acaba.
E se internou na própria casca ao jeito que o jabuti se interna.
(**Barros** , Manoel, 2019, p. 7)

Por isso, em suas poesias, Manoel de Barros vem marcando a sua aversão a rigidez da linguagem e o seu desprezo por racionalidade. Em Poeminha em língua de brincar isso é bem perceptível, o poeta evidencia um certo desconforto pelos que detém uma linguagem coagulada. E usa o termo Uma Dona Lógica da Razão num tom crítico, que logo a descreve como quem está de salto alto e bengala, uma maneira sutil, e que predomina em sua poética, para tratar da incoerência lógica quando esta não dá conta de preencher algumas lacunas que são necessárias ser preenchida no processo de fazimento poético, como também, para afirmar que a poesia não tem função de problematizar a existência do mundo, mas a sua própria.

Diante disso, podemos compreender como Manoel de Barros se constrói como um apanhador de desperdício, uma vez que para ele há uma necessidade de modificar as coisas e o mundo, e essa modificação dar-se através do uso dos “restos” em sua poética. E nesse sentido, ele transvê os seres e o mundo quando insignificantes: “Deus deu a forma. Os artistas desformam. É preciso desformar o mundo”, As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul – Que nem criança que você olha de ave”. (BARROS, 2016). O poeta não quer ser razoável, e desse modo, Barros quebra com os paradigmas criando um mundo paralelo onde a imaginação, a ilusão e a realidade se fundem criando um aproveitamento do imaginário tanto quanto dos vários sentidos que a palavra pode ter para criar suas poesias.

Memórias

Sua visão do mundo é de incompletude, e a realidade não dá conta das lacunas existenciais. E é aí que a imaginação entra em foco, e para tanto, ele vai buscar no seu íntimo, nas suas memórias, na vida que levou na natureza, suas vivências para usar como matéria primitiva de sua arte. Contudo, é preciso tomar cuidado e se atentar no que Barros traz, o meio em que viveu, a natureza, o simples, não está exposto em suas obras para serem exaltados, o seu intuito é quebrar o padrão linguístico, desfazendo a linearidade do processo do fazer poesias. Vejamos o que diz Raquel Souza

O que impulsiona a memória de Manoel de Barros são os valores vividos, mas são valores referidos à poesia em possibilidades de formas e de temas, e não à infância no sentido estrito do termo. Bachelard dizia que o passado não é estável e que ocorre à memória sempre de maneira diferente. Para ir à memória mais profunda, é preciso reencontrar, para muito além dos fatos, os valores que ficaram. Afirma o filósofo:

Para constituir a poética de uma infância evocada num devaneio, cumpre dar às lembranças sua atmosfera de imagem (...) o passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem (Bachelard, 1988, p. 99). (**SOUZA**, Raquel, 2012).

Diante disso, para um leitor desatento, a mistura de ilusão com realidade que Barros evidencia é motivo de equívoco ao pensar que o escritor é um poeta romântico. O uso dos elementos da natureza e a expressão de apego a esses elementos pode até parecer uma preocupação com a estética, mas a verdade é que o poeta é um modernista e sua poética tem características de uma metalinguagem. Os modernistas despiram a literatura de complexidades. E é nesse sentido que Barros segue propondo seu modo de trabalhar a língua. Sua poética rompe com o social e o cultural dando evidência ao fazimento poético, cria uma metapoesia que se utiliza de imagens pantaneiras, memórias da infância, a natureza, os restos, o insignificante. Na verdade tudo o que está ao

redor do poeta é matéria de fazer nascimento, pois sua visão de mundo é alargada, e as palavras é que dão sentido a sua imaginação criadora. Observemos o que diz novamente Raquel Sousa:

Ele alia a memória à metapoesia, de maneira que suas memórias são as que o poeta inventa (porque "inventadas") no surgimento da poesia em sua vida. O que aparece por trás dos afrescos, como dizia Stendhal, não é a história do homem, mas sim a história da poesia que se instala no poeta; é ela, a própria poesia, quem tem lugar de prevalência nas memórias de Manoel de Barros. Trata-se, enfim, da memória da poesia: "Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas", diz o poeta no capítulo que informa "Manoel por Manoel". (**SOUZA** Raquel, 2012).

É por meio do uso dos elementos naturais e o ambiente em que viveu que ele cria em forma de poema, o processo pelo qual a poesia passa para se tornar de fato poesia. Ele eleva a natureza ao nível da palavra. Barros vê a palavra como a própria existência, nela já está o que o poeta precisa o significado. Outro fator importante que Manoel de Barros permite o leitor observar é ele não limita o ser, antes, faz com que ele tome dimensões incondicionais, transmutando o objeto poético na própria poesia. Manoel de Barros faz questão de levar o seu leitor para o momento do nascimento da palavra como se fosse uma criança que nunca envelhece dentro do poeta. E uma vez que a criança permanece viva, o mundo vai ser transvisto poeticamente. E finalmente, o leitor compreenderá sua proposta. A finalidade da poesia para o poeta é ser poesia, é causar um contentamento, um estado de boas emoções como a alegria. Por isso se utiliza termos paradoxais.

E aí, contrapondo suas obras com a realidade do seu tempo, o poeta, vem amenizar a dureza da vida. Enquanto a sociedade atual e a ciência diz que a vida é nascer, crescer e morrer, Barros vem e diz que é nascer e renascer, quebrando essa rigidez. Enquanto para muitos as moscas são só insetos, o poeta diz que elas são obras primas, e ao usá-las, transforma-se num verdadeiro apanhador de desperdícios e num criador de ilusões. Sua poética tem o poder

de reinventar os seres e utiliza-se desse “poder” para dismantelar, desautomatizar deixar fluida a linguagem, despi-la de sentidos coagulados para provocar um "inauguramento de fala"

Esse inauguramento de fala é pela necessidade de o homem ser um ser incompleto, segundo o poeta, e pela necessidade de o homem estar sempre em busca de algo, de ser mais do que é. É no poema Retrato do artista quando coisa, o poeta enfatiza que o homem é incompleto, uma incompletude de sentido. E ele afirma dizendo que é abastado nesse sentido. No sentido de que, a cada instante ele pode ser quem ele quiser na poesia, que as palavras podem ser o que o poeta quiser que elas sejam porque a palavra existencializa o ser, e se o homem é incompleto como pode a palavra ser limitada, a linguagem ser enrijecida? Barros responde: “Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito”. O poeta não se limita a regras, a sua incompletude não o possibilita isso, há muitos sentidos em uma palavra, não se pode limitá-la. E desse modo, Barros transvê o seu objeto, cria uma metamorfose entre objeto e poesia, reinaugura a poética. Vejamos o que ele diz no poema:

A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.

Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

: É perceptível o comportamento regular do homem comum nesse poema, o ato de fazer as tarefas diárias do dia-a-dia, de seguir as regras de uma vida comum. O poeta faz essa comparação das regras das atividades diárias com o fazimento poético automatizado, com formalismo linguístico justamente para criticar a rigidez do sentido das palavras. E nesse sentido, ele, o poeta, cria seus neologismos, dá novos significados, desautomatizando a linguagem: “Eu penso renovar o homem usando borboletas.” A palavra é que dá sentido às peraltagens do poeta, às criações delirantes, ao fazer nascimento.

Em Heyraund (2010,p.145) a um apontamento para uma “metamorfose” nos poemas do autor: Barros quer se desprender do estatuto habitual do homem. Para isso, suas frases deliram- o chamado “delírio frásico”-,de tal maneira que se quebre com normalidade e que se dê vida, enfim, a um poeta. (PINHEIRO CARVALHAES, DE F. Andrei, Revista Literatura , 2017, P.7)

Barros dispensa o que detém o provisório, exercitando, assim, a dinâmica da transformação do mundo:

"Somos dois. Um é biólogo, outro é letral. Ambos somos verdadeiros. Um é de sangue. Outro é de palavras. O de sangue é comum: come, bebe água e até quebra copos. O ser letral gosta de fazer imagens pra confundir as palavras. E gosta de usar as palavras pra destroncar as imagens".
Manoel de Barros.

Manoel de Barros converte o mundo em linguagem poética de modo a fazer com que este também possa alimentar a si mesmo e transmutar o homem.

Desfazimento do tempo

É óbvio que o dito até aqui não resume o fazer literário de Manoel de Barros, provavelmente se gastaria páginas e páginas para tentar explicar a sua poética, por ser um mundo vasto e de paradoxos compreensíveis, todavia complexos. Por isso, no tocante ao uso dos seres naturais, das coisas desprezíveis e de suas memórias de infância, damos por desfocada a discussão. Acredita-se que o exposto pôde esclarecer, de forma superficial, o problema da compreensão de como Manoel de Barros se utiliza das coisas desimportantes, e dos seres desimportantes como também de suas memórias para discorrer como se faz um poema, e como se dá a sua Poética. Acredita-se, ainda, que o exposto pôde explicar o porquê de o poeta se considerar um Apanhador de Desperdícios.

Não é uma questão de desvincular-se totalmente do assunto, mas um enfoque na problemática do desfazimento do tempo, pois na verdade, os temas estão entrelaçados, assim como os seres, as coisas, as memórias, o eu lírico e o poeta estão no fazimento poético de Barros.

Tempo

O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou tem hora que eu sou quando uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou quando infante. Agora nossos irmãos,

nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não tinha frente nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinhava, lavava e costurava para nós. (BARROS, 2018,p. 49).

O quando, estabelecido no poema, não tem relação com o sentido cronológico, mas com o existencial. Se partir do pressuposto que o tempo cronológico limita, faz todo sentido o tempo não existir na poética barreana, uma vez que o poeta quer perpetuar a palavra no momento do seu nascimento, no momento em que surge o sentido, assim, se houver tempo os sentidos serão cauterizados impossibilitando a fluidez, a natência que é justamente o que ele quer que o leitor compreenda. Pois como acontece na mente de uma criança assim deve acontecer na poética, uma criação de sentido pela palavra.

A insistente volta à infância que Barros faz o uso do “quando” é uma retomada ao momento do surgimento dos sentidos. É na infância, como já dito, que as palavras entram em delírio frasal: “Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou tem hora que eu sou quando uma pedra, e sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos...” É notável as possibilidades de sentidos e definições. Sem o tempo as palavras entram em deslimites, é como se o tempo fosse a racionalidade, e é. Toda narrativa segue um padrão que tem como via de regra a discriminação dos tempos em que o enredo se deu. Sendo assim, e por Barros não fazer uso da racionalidade ele quebra esses paradigmas desfigurando o tempo cronológico. Em suas poesias os tempos históricos não coincidem. E a solução para esse problema é revisitar as memórias, pois é sua imaginação que vai recriar as lacunas. E nesse sentido o poeta diz: “ eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. “Como quem aprecia de ir às origens de uma ou de um ser...,” É o gosto pelas origens que o faz voltar, mas não as origens de sua vida, as origens das palavras, lá onde se deu o sentido, porque mais uma vez, deve ser dito, o poeta não faz autobiografia, ele faz uma metapoesia e usa a sua origem para somente compor o corpo poético não dando importância ao momento dos fatos e sim para o modo, a maneira como vai contá-los.

Manoel de Barros, em sua poesia, por essa ser o lugar em que se encontram as experiências inacessíveis, transgride a ordem do tempo histórico quando retoma a ordem do tempo da imaginação, o tempo da criação, do novo nascimento. Porém, esse novo nascimento atualiza o vivenciado perpetuando-os sempre que é olhado como no momento em que ocorreu a experiência. E essa noção de resgate pode ser observada na afirmação de Barros: “Tenho um lastro de infância. Tudo o que a gente é mais tarde vem da infância” e em “Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.” Assim, pela rememoração da infância, o poeta reconquista a natência da linguagem. Para Elisa Santos ao examinar Octávio Paz:

A poesia pertence ao tempo da imaginação, ao qual se refere como o tempo da infância: “o tempo da poesia é um tempo de antes do tempo, o da ‘vida anterior’ que reaparece no olhar da criança, o tempo sem datas” (Paz 2013: 53). E acrescenta que esse tempo da infância corresponde à alma da natureza. (**SANTOS**, Elisa, 2015)

Partindo da afirmação dessa afirmação, analise-se o poema a seguir:

Uma didática da invenção.

No descomeço era o verbo

No descomeço era o verbo

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função do verbo, ele delira

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio

(**Barros**, Manoel, 2016, p. 17)

O poema retoma uma passagem bíblica que se encontra no evangelho de João, capítulo um, verso um, em que está escrito: No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus... Barros já começa o poema desfazendo o tempo, “no descomeço”, um começo desfeito e refeito ao mesmo tempo, sim refeito, porque deixou de ser o começo da história para ser o descomeço do poema. E é nesse nascimento da existência de um novo significado que o verbo delira, tanto que se tornou “descomeço”. E o seu delírio como o poeta diz, está no fato de o verbo ter ganhado outra finalidade. É como em a criança ouvir a cor dos passarinhos, aqui o verbo tomou outra proporção, perdeu a sua finalidade, mas foi renovado, recriado pelo olhar enviesado da infância, o lugar da imaginação, das ilusões que possibilitam a transmutabilidade do ser.

Outro poema que possibilita ao leitor compreender melhor o que Barros faz com o tempo é o poema Desobjeto. A escolha da palavra já poderia ser uma explicação pelo fato de começar com o prefixo des, que tem por significado desfazimento, negação, privação ou impermeável, como o tempo em sua poética.

Desobjeto

O menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente.

o pente estava próximo de não ser mais um pente. Estaria mais perto de ser uma folha dentada um tanto que já se havia incluído no chão que nem era uma pedra um caramujo um sapo. Era alguma coisa nova o pente. O chão teria comido logo um pouco de seus dentes. Camada de areia e formigas roeram seu organismo.

O fato é que o pente estava sem costela. Não se poderia mais dizer se aquela coisa fora um pente ou um leque, As cores a chifre de que fora feito o pente deram lugar a um esverdeado musgo. Acho que o pente perdera sua personalidade. Estava encostado às raízes de uma árvore e não servia mais nem pra pentear macaco. O menino que era esquerdo e tinha cacoete pra poeta, justamente ele enxergara o pente naquele estado terminal. E o

menino deu pra imaginar que o pente, naquele estado, já estaria incorporado à natureza como um rio, um osso, um lagarto. Eu acho que as árvores colaboravam na solidão daquele pente.

(Barros, Manoel, 2018, p. 19)

O ponto central da poesia é o desfazimento do tempo e sua recriação em forma de objeto que serve como ponte entre a realidade que não dá conta de responder as lacunas temporais de uma narrativa e a imaginação que transmuta todas as coisas. É por essa via que de fato, o pente passa a ser parte da natureza, mas a natureza literária. E aqui pode ser visto o desfazimento do tempo, uma vez que na trama manuelina, não é exigida a explicação de como se deu o acontecido, mas o que aconteceu, porque desfazer o tempo é priorizar a existência.

Note-se que ao dizer: "o menino que era esquerdo e tinha cacoete para poeta, justamente ele enxergara o pente...", (e para constar, ser esquerdo é olhar com outros olhos, com olhar enviesado), o poeta explica com essa afirmação que o papel do poeta é enxergar as coisas, transvê-las, e ao transver o mundo pode reconstruí-lo como fez com o pente, o que poderia ser o fim, o estado terminal desse objeto foi na verdade, o nascimento de sentidos para compor sua obra. E através da sua fantasia usa a dissolução do objeto, que se sabe que não foi de um instante a outro que se deu, mas levou um tempo, tempo esse que o poeta não sabe informar com a razão, pois não estava presente enquanto acontecia, portanto, para recriar a realidade da poesia, o poeta se utiliza da imaginação, e assim dá continuidade ao objeto com um novo significado, e assim, na tessitura da trama narrativa, se vê apenas o tempo do nascimento da palavra, do processo de perpetuamento. Vejamos o que diz Elisa Santos:

A poesia, como obra para posteridade tem a característica de ser, nela mesma, um apontamento de uma época (ou momento), e, simultaneamente, uma nítida resistência ao tempo. O registro do tempo seria a maneira mais aproximada da tentativa de perdurá-lo, de revisitá-lo pela memória. A memória é a resistência mais primordial do tempo. (SANTOS, Eliza, 2015)

Nesse sentido, o poeta se volta para o tempo da infância a fim de promover a natência, de recuperar o “puro” das palavras, o momento do seu *descobrimto*, descobrimto no sentido de criação, invenção, nascimento. E quando pensamos em nascimento, automaticamente nos remetemos para o surgimento da vida. E com frequência percebe-se esse processo em Manoel de Barros, o poeta está constantemente criando , dando vida, fazendo nascimento para perpetuar palavras vivas, no sentido de essas estarem em movimento, em constante mutação, como diz Eliza Santos ao analisar Octavio Paz: “A frase poética é tempo vivo, concreto. É ritmo, tempo original, perpetuamente se recriando. Contínuo renascer e tornar a morrer e renascer de novo” (SANTOS, Eliza, jan. 2015)

E nesse ritmo de transformação, Manoel de Barros cria sua poética se posicionando como o poeta da natureza da palavra e diz, cito Eliza Santos: “que a poesia não serviria para descrever, e sim, para des-cobrir as coisas de seus significados imediatos, na busca por uma linguagem que se quer inaugural... o interesse do poeta passa pela busca do rumor das palavras, por desconstruir o olhar comum da descrição para condicioná-la a um olhar oblíquo, o da liberdade encontrada no retorno à natência das palavras. Desse modo, o poeta sugere frequentemente a ressignificação (de significado) do sujeito, de seres e objetos e uma ressignificantização (de significante) de conceitos, à maneira de um dicionário avesso”(SANTOS, Eliza, jan,2015).

A poesia moderna reconhece na alteridade não somente o outro como mera duplicação do mesmo, mas como a outra face, possibilidade da negação pela cisão do idêntico. É de uma comunhão de opostos que a poesia de Manoel de Barros é construída. Dentre esses, destacamos o paradoxo entre o sacro e o profano, a metamorfose de sua natureza, e a convocação de símbolos que se voltam para o que poderia ser chamado de ‘restabelecimento da primitividade da linguagem’, quando propõe, por exemplo, um relacionamento mais aproximado entre a palavra e a essência da coisa.

A POÉTICA DE BARROS

E por saber que Manoel de Barros definitivamente, se distancia das regras desconstruindo a linguagem e desfigurando o tempo, o que poderia se dizer então, sobre o que é poesia vendo pelo olhar de quem vê as coisas enviesadas?

Aprendi que o artista não vê apenas. Ele tem visões. A visão vem acompanhada de loucuras, de coisinhas à toa, de fantasias, de peraltagens. eu vejo pouco. Uso mais ter visões. Nas visões vêm as imagens, todas as transfigurações. O poeta humaniza as coisas, o tempo, o vento. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las nos dão tédio. Temos que arrumar novos comportamentos para as coisas. E a visão nos socorre desse mesmal. (**Barros**, Manoel, 2008)

O conceito de poeta para Barros é de artista. Ser artista é produzir arte, no seu caso, poesias. Não se faz poesia de qualquer jeito, tem razão nesse processo. O poeta também é um sonhador. E nessa via paradoxal é que se fundamenta a poesia de Manoel de Barros.

Em uma entrevista para o documentário Só dez por cento é mentira o poeta diz: “eu tenho a definição que Poesia é a armação de palavras com um canto dentro... uma coisa que a gente não descreve, poesia é uma coisa que a gente descobre. Eu sou procurado pelas palavras, não tenho inspiração, só conheço de nome...”.

Não podemos dizer que pelo fato de a poesia manuelina ser composta de palavras simples, palavras do cotidiano, e por suas memórias, e por nos remeter a um ambiente bucólico se defina como poesia simples, pelo contrario. É essa mesma simplicidade que a coloca num nível superior. E isso se dá pela ruptura com as regras, com o padrão clássico enrijecedor das palavras e que limita o sentido. E ao deslimitar a palavra, o poeta, através de sua poesia, cria no leitor, quando esse se deparar com sua arte, uma espécie conflito. O leitor passa a enxergar as coisas com outros olhos, com o olhar de quem não está entendendo

o que está escrito, mas aceita porque a poesia de Manoel de Barros trás a realidade da imaginação, uma realidade linguisticamente palpável, pois ele cria o desenho verbal, colocando uma imagem na vista do leitor que se dá conta da existência de novas funções para a palavra.. E também porque tem a função de criar encantamentos, espanto, pois seu leitor percebe que é possível ver o mundo de varias maneiras.

É nesse sentido, de forma simples, mas rebuscada que a poesia de Barros cumpre seu papel, o papel de ser poesia. E sendo assim, se faz necessário retomar as memórias, pois, como afirma o poeta, é pela imaginação que podemos criar dar novos sentidos como se faz na infância. Essa retomada é um método que usa para ensinar o seu leitor o processo do fazer nascimento, possibilitando uma visão aberta do mundo e das coisas, coisas da poesia. Uma poesia que não precisa seguir regras, para ser poesia, mas dar sentido ao texto. Porque a preocupação do poeta não é expor os objetos de sua trama, mas dizer como ela se constrói. Para Barros, poesia é um nascimento. Tudo tem que ser novo, e nesse novo ter um renascimento. Para o poeta, as palavras tem sentido ilimitado, por isso, não tem como descrever o que é poesia. Ela se renova se permite ter novos sentidos e significados porque poesia é palavra e sendo palavras não tem limites. E nesse sentido, Barros é um criador/recriador, dá vida às coisas, usa a palavra para dar voz aos seres, aos objetos como se esses tivessem a necessidade de se expressarem, de dizer que precisam ser mais do que são. E ao utilizar esse procedimento, como também a valorização do ínfimo o poeta liberta a palavra e rejeita a linguagem eloquente, gloriosa e faz de sua poética uma revolução literária. E desse modo aguça o olhar, alarga a visão e percepção do seu leitor para o mundo de modo que esse, também, veja enviesado como vê o poeta.

E desse modo a poesia de Manoel de Barros se opõe às regras da linguagem linearizada: ‘Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.’ Pois bem, não se pensa uma garça, se pensa sobre ela, aqui o poeta fez a palavra delirar, deu nova função a ela.. Por isso podemos dizer que Barros transforma o mundo pelas palavras, pela renovação delas. Diante disso dizemos que a finalidade de sua poética é desautomatizar, desconstruir para reconstruir novos valores. A

desconstrução é fertilizada pelas imagens do pantanal, pela infância, porém não descreve o ambiente, diz o poeta: " poesia não é um fenômeno de paisagem, é um fenômeno de linguagem". Tudo o que Barros usa em sua poética é para explicar a palavra, a poesia. Ele diz mais: " não sou poeta de paisagem, não quero fazer folclore, ou expressar costumes, não sou historiador, sou poeta". (BARROS, Manoel, 2010). Diante disso, vemos que não há correspondência entre o pantanal real e o escrito na poesia manuelina, há somente uma apropriação de imagens para composição do corpo poético.

Pois inspiração, só existe de nome na mente do poeta. A sua mente está em constante fazimento, o poeta é um inventor, um parturiente letral.

Nesse sentido, poesia para Manoel de Barros é agrupar as palavras e colocar um canto dentro. Esse canto é a capacidade de fazer o leitor enxergar a poesia e somente ela. O poema a seguir pode ilustrar bem o dito:

INFANTIL

O menino ia no mato

E a onça comeu ele.

Depois o caminhão passou por dentro do corpo do
menino

E ele foi contar para mãe.

A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que
o caminhão passou por dentro do seu corpo?

É que o caminhão só passou renteando meu corpo

E eu desviei depressa.

Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.

Eu não preciso de fazer razão.

(**Barros**, Manoel, 2009, p.29)

Ao se ler o poema, percebemos que Barros nos remete a fase inicial da vida, a infância, e o leitor desatento logo se inclina aos primeiros momentos das possíveis experiências do poeta, pensando que ele discorre sobre fatos reais da sua vida, contudo não é o que acontece. Logo o leitor se depara com um conflito, pois percebe que não existe lógica em sua narrativa, antes um paradoxo entre realidade e fantasia. E isso é proposital porque o escritor quer causar no leitor um choque, um espanto, fazer com que a realidade literária seja vista mais simplificada. O poeta tem uma ânsia de não fazer lugar comum, de dar novos comportamentos às coisas, às frases, ele transfigura o mundo. Ele é capaz de fazer coisificação do homem e humanização das coisas como também, vegetalizar o ser humano e os bichos, assim impossibilitando a racionalidade da sua poética. É nas palavras que o poeta encontra provocações para os seus delírios, são as palavras que dão utilidades a sua imaginação.

E nesse sentido, a preocupação do autor é com as palavras e suas essências. Para Barros, além de ter significado literal, as palavras devem encantar, sem que haja necessariamente uma função definida. O não dizer nada é que tem valor. Essa valorização se dá quando se produz encantamento em quem lê.

Assim a poesia de Manoel de Barros anda na contramão dos que pensam em grandes coisas e subjagam as simplicidades da vida. O poeta transvê o mundo através das palavras. A poesia é a palavra. A palavra é o que existencializa o homem e as coisas. Poesia é falar do nada e ainda assim dizer tudo. Sua função é ser poesia. A poesia nada mais é que um agrupamento de palavras que carregam novos sentidos para construção de novos valores. Valores que não exaltam as imagens utilizadas, mas a poesia em si, a poesia acabada:

Pré-texto

Que minhas palavras não caiam de
louvamentos à exuberância do pantanal.
Que não descambe para o adjetival.

Que meu texto seja amparado de substantivos.

Substantivos verbais.

Quisera apenas dar sentido literário

Aos pássaros, ao sol, às águas e aos seres.

Quisera harmonizar de mim as paisagens.

Mas por quê aceitei o desafio de glosar

esta obra exuberante de Deus?

Aceitei para botar em prova minha linguagem.

Que eu possa cumprir esta tarefa sem

que o meu texto seja engolido pelo cenário.

.

CONCLUSÃO

Diante das reflexões exercitadas neste trabalho, visando tentar compreender o processo pelo qual Manoel de Barros produz sua arte, frequentemente recorrendo aos “desperdícios”, às suas memórias, fazendo uso de uma noção bem particular de tempo para construir sua poética, verificou-se que o uso das desutilidades e da natureza exercem primazia no processo de criação artística Primazia, não no sentido de algo ser mais importante que outro, e sim na noção de ser nascedouro, sentido de vir primeiro, de construir um sentido original.

Vemos que nesse universo do poeta, homem e natureza estão imbricados desde sua gênese. Isso promove uma dinâmica em que a natureza tem, sobre o homem, poder transformador. Desse modo, a racionalidade do mundo homem cede lugar a um universo mais subjetivo. Ou seja, o homem é afastado de um mundo cheio de marcas racionais, que para o poeta são falsas e enrijecidas, e passa a integrar um lugar mais leve, mais feliz e mais dinâmico.

É nesse propósito de transformação e transmutação, que o poeta alarga a visão do seu leitor, para que esse enxergue as coisas com um olhar diferente. Observa-se também que, ao se remeter às suas memórias, Barros tem a pretensão de resgatar a origem da linguagem, recuperar o lugar onde as imagens estão livres e “desarticuladas”, livres de (pré)conceitos, como na infância.

Em linhas gerais, nota-se que, na desconstrução da linguagem, do fazer poético o objetivo do poeta é revelar a artificialidade em obter a racionalidade e nesse sentido é que se utiliza da imaginação, do desfazimento do tempo, da terra, dos animais, dos desperdícios, da infância e dos delírios. Tudo o que a sociedade desperdiça o poeta apanha para mostrar que há possibilidades de fazer nascerem novos sentidos e novas perspectivas que permitam transver o mundo.

Desse modo, verifica-se que tudo o que a linguagem cauterizada dispensa pode ser, e de fato é, matéria para o mundo poético de Manoel de Barros. Nele, o escritor condensa, reduz a linguagem, dando voz a um indivíduo que tem apego às coisas desimportantes e aos seres desimportantes e, paradoxalmente, abre-a para um universo em metamorfose. Disso resulta a possibilitando um novo nascimento da palavra.

Assim, enxergando a arte poética como um espaço-tempo em constante movimento e construção, e resgatando e colhendo um pouco do reverberam os poemas de Manoel de Barros, é possível conceber a Poesia o lugar onde as possibilidades da construção/desconstrução, do fazer/desfazer estão em campo aberto e infinito.

Por fim, considerando a multiplicidade de arranjos experimentados por Manoel de Barros, na construção de imagens presentes em seus poemas, chega-se ao entendimento de que a Poesia encontrou, na obra do poeta **Campo-Grandense**, espaço fértil para discorrer sobre diferentes temáticas, para entrelaçar o real ao imaginário, o concreto e o inefável, o sorriso e o pranto, o tempo e o não-tempo.

É dessa profusão de possibilidades que surge o fazer literário Barros, povoado de coisas da Vida. Coisas tão diferentes entre si, tão contraditórias; tão simples e, às vezes, tão rebuscadas. Essas são algumas marcas que fazem de Manoel de Barros um poeta, um artista inconfundível e incomparável. Sua arte continuará transformando o mundo. Sua poesia seguirá seu caminho, seu propósito.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel, - O livro das ignorâncias, Alfagrara, Rio de Janeiro, 2016.

_____ Memórias Inventadas, 1ª edição, Alfabeta, Rio de Janeiro 2018.

_____ Para encontrar o azul eu uso pássaros, Editora Saber, 1999.

_____ Poeminha em língua de brincar, Companhia das Letras, 1ª edição, São Paulo, 2019.

_____ Retrato do artista quando coisa, Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

_____ Tratado geral das grandezas do ínfimo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BARROS, Manoel, Caros Amigos, 2006 – Vale do Ivinhema agora, Disponível em: <<http://www.valedoivinhemagora.com.br/leitura.php?id=9226>> Acesso em: 02 mar. 2020.

FERREIRA, Maria José de Carvalho, As Faces da Memória: Uma leitura da poesia d Manoel de Barros. <https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ7KNcqGJe4vIAoQfz6Qt> Acesso em: 02 mar. 2020.

Um poema para acordar feliz. Disponível em:

<<https://jardimdagigi.blogspot.com/2017/07/receita-de-acordar-palavras-um-poema.html>>. Acesso em: 09 mar. 2020.

PINHEIRO, Andre Ferreira de Carvalhaes , Uma leitura de Manoel de Barros- Ignorar as palavras para que se volte às origens- Conhecimento prático- Literatura, editora Escola, nº 70.

PINTO , Manuel Da Costa, 2004 , p.18 Folha Explica, Literatura Brasileira <https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrJ6y94mGJeRlwAKjHz6Qt.> Acesso em: 03 mar. 2020.

PEDRO CEZAR, Só dez por cento é mentira,

https://youtu.be/VG4P_mWWAI0A Acesso em: 02 de mar. 2020.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre, A poética da Desutilidade, Rio de Janeiro, 1ª semente de 2006.

<https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrE1yH4pmJe.74Ayi7z6Qt.> Acesso em: 03 mar. 2020.

SANTOS, Ana Cláudia Vera, Manoel de Barros e a poesia das coisas inúteis, Revista Entrelaces, v 1, N° 8., Jul. - dez. , 2016

<https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrE1x3lp2JeSSwAAAfz6Qt.> Acesso em: 04 mar. 2020.

SANTOS, Duque Neves dos, Sobre Natência: Mito e cosmologia na poética de Barros.) <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL13-Art16.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2020.

<https://jardimdagigi.blogspot.com/2017/07/receita-de-acordar-palavras-um-poema.html>